

Da correspondência de Jackson de Figueiredo

(Carta de
PEDRO KILKERRY)

Estou em casa, o que para raros amigos não é ávia rara e vou reler, em tua psique ou antes o teu livro.

A janelas rasgada para fora que defronta a mesa em que escrevo, dá-me a ver a oscilação de uma asa de sombra, moleza ferruginea a descer no recolhimento voluptuoso de cubos brancaceados, que a distânciá talvez sensibiliza: não sei, aquelas casas parecem-me tão nervosas, mas nem um passo, um sinal volitivo...

E a sombra desce mais. Alguas aves, porém frecham, para arbustos e ninhos, a vontade fisionante de plumas e procuram lambêr o resíduo imaginário de um raião, uma caricia de sol, cuja intensidade — repara bem, — não é a que já foi para hindus, persas e gregos.

Anda rezando tudo o passado da sombra; apaga o varrido e o mufiforme e tenho que ele está chocando o ovo de uma uniformidade lusna e redonda.

Assim, no nosso mundo literário, meu caro Jackson, es outra vontade fisionante de talento, outra língua como as folhas glaucas para os resíquios de fantasia e sonhos da humanidade que em muitos se fez utilitarista, arrivista, pragmatista, analfabetista e que sei mais? nos dá a ilusão de nervos, a distância como as casas que, aproximadas, tem a estupidez patata dos seus habitantes, das suas imagens para falar à romana.

Oras, alguns passos e eis-me à janela...

A sombra já distingui tudo, tudo, mas está picada de um brilho de estrelas fulvas que se parecem corresponder aqui e ali dentro da noite.

O inconsciente será um poeta simbolista? Hartmann não o disse naquela secura filosófica tua conhecida; pois eu te o digo, o inconsciente é um Rimbaud admirável, trabalha todo esse inanimado universal.

A sua pena? O seu lápis? A energia, que é o teu canto como a voz de qualquer sapo.

O certo, porém, é que os poemas simbólicos do grande inconsciente são momentâneos como fenômenos e se, algumas vezes, duram, deformando-se na nossa subjetividade, vale algum deus ao seu autor, que

ordem podia dar à anarquia contemporânea, e a sua figura de herói e de artista, de homem de ação e de sábio vai pouco a pouco aproximando-se e por fim surge, duplamente envolvida de entre as fileiras dos que, a esta hora, cristãos e franceses, já salvaram as grandes tradições da sua pátria do completo aniquilamento. A Igreja podia gloriar-se de mais um filho, um verdadeiro filho, amante e fiel.

E é comovente ler estas palavras do neto de Renan. "Toda a tentativa por nos libertarmos do catolicismo é um absurdo, pois, queiramos ou não, somos cristãos; e é uma mal-dade, vista que, quanto temos de belo e grande no coração, nos vem do catolicismo. Não apagaremos vinte séculos de história precedidos de toda uma eternidade. E como a ciência foi fundada por crentes, nossa moral, no que tem de nobre e de elevado, também vem dessa grande e única fonte do cristianismo, de cujo abandono decorre a falsa moral assim como a falsa ciência".

No dia 8 de fevereiro de 1913, Ernest Psichari, o neto de Renan, "foi confirmado por mons. Gibier, na capela do pequeno seminário de Grandchamp.

Com a voz a tremer de ardor contido, recitou o "Credo", de que, uma a uma, acentuou as silabas latinas. Após a confirmação, o bispo de Versailles lhe perguntou a sua idade: — Vinte e nove anos! Muito tempo perdido! foi a sua resposta.

E porque, assim, tanto tempo perdera foi que desde, então, o viram seus soldados e toda a França intelectual arder na febre de reparar, em cada livro, em cada ato, as injúrias que seu avô fizera à França cristã, e, humilhado, ou melhor, possuído de santo orgulho, servir a missa e ser aquele mesmo ser — sacerdote, que Louis Vuitton também quisera ser... E foi deste modo, entre os rigores da vida militar e os rigores de uma exaltada prática cristã, que a Grande Guerra surgiu. Foi dos primeiros que marcharam contra o inimigo de sua pátria, foi dos primeiros que caíram fulminados no campo de honra.

"Os que o viram mais tarde ficaram impressionados ante a calma de seu rosto; tinha nas mãos o rosário que pudera segurar".

Eis ai, meu amigo, como soube morrer um neto de Renan. Felicito o jornalista do Timboré pelas suas ironias. Ja podemos ser bons netos de Renan. E v. há de concordar comigo: Ernest Psichari foi, de fato, uma dessas naturezas que são privilégio daquela nação a quem, nem as desgracas nem os erros, tiraram ainda o que José de Maistre, então insuspeito de lhe ser favorável, pôde observar no seu destino: o exercício de uma verdadeira magistratura sobre a Europa e, por conseguinte sobre o mundo.

Quando uma dessas naturezas aparece como uma estrela sobre os céus borrascos daquela grande pátria, não há como ciência cristã que não veia claramente alguma coisa de mais profundo e de mais forte, que o que prende todas as maiores, ligando os destinos da França aos destinos da Igreja Católica.

E tem-se o desejo de dizer que sejam quais forem as aparições, sempre a causa da França é a causa da Igreja.

São versos em que, não obstante a forma e a expressão um tanto cringa, sinto um vago de sonho e te creio sincero, porque depois da muito bela Andorinha ferida e outros cantos, como o Meu Vingador e as estranhezas do Frio em um Doido, tu lhes fazes complemento no último terço de lá.

E quanta coisa má, hoje sandosa Pr'a mim que, indo pior, vou caminhando Nesta estrada de vida dolorosa.

Se o continuas bem quanto a imagens, e idéias, abres o teu livro bem, consante sentimento e verdade dentro da rima; seremos, então, para a saudade hipócrita do passado, dos felizes tempos; ai de nós, como se a mesma incerteza de holas outro aspecto não nos houvesse perseguido outrora e não visse de longe a enfadada de deceções que nos ultrajam? — (Raul Pompeia).

Okáia que todos, como tu, pudesses tirar proveito desses sedimentos metafísicos de amor e saudade, redorando-os com uma cultura nova e um espírito de dezenas anos experimentados!

Mas, felizmente ou não, o teu chapéu secura é não para a cabeça do primeiro mendigo que te hata a porta com as manoplas e não tens o poder de multiplicar o teu eu, por quanto besta versante paste pelos verdes afora.

Não é real?

Bem que é. Leio-te, ponho-me a ouvir-te em autopsicologia amorosa, que borboletia, que volita sobre as taças frescas de um colo, no ambar imenso de uma juba, que não tracarias por todos os Paetões; porque ouro da tura harpa, porque ouro de teu canto, porque ouro da tua rima.

Aos sons do teu instrumento estreante, noto que poderas chegar à afinação dos mestres, sabes amar despiegadamente, com dosagem, às vezes, de um realismo vermelho.

De tudo isso, porém, amo percer-te a nuance de personalidade que já se distingue dentro das influências recebidas de Antônio Nobre, Baudelaire e bastante attenuada de J. M. de Heredia. Mas em ti o amor é tudo. Tudo está feito, feito o estudo da tua paixão amorosa, em que a ânsia de ser compreendido em refinamentos, te livras nas asas de um leve sorriso feminino para um mundo real dentro de convulsas futilidades cambiantes, que tem o seu quadro de valores.

Eis em teus versos ressoa como uma voz negra, uma desesperança afeleada:

Não acharei jamais a que tanto
l'procuro.
Este tão grande amor que te tan-
to tempo canto.

E chegas a querer a senhora dos teus poemas — "suprema e mágica rainha branca, séria e gelada, vinda de além da Vida, com que quanto te abebere a febre de amar:

...Tenha no olhar a chama dia-
mantina.
Bem forte e fria, tal a de uns
olhos de morta.

Apesar da maneira vagabunda por que estão dispostos, os versos no teu livro, o que justifica o seu título, Zingaros, linhas e formas tangíveis, o vago do irreal por que te fizeste poeira, serás todo um gesto de benção para a Natureza e com as lágrimas da tua coração transbordado de si mesmo, tu que supões, ante a mágoa capaz da orquestração de um Wagner de deuses, farás a mais bela canção da vida mansa, como um rebanho de sonhos que um olhar de mulher pode ir tangendo, guindando.

São palavras de alguém, diante de cuja memória não pesa agradecer com ar de um religioso, "as paixões próprias do homem e que muitas outras encerram o amor e a ambição". (Pascal).

No poeta dos Zingaros, que estás, o amor é energia e querer; querer, causa primária da revolta, blasfêmia, sorriso ou lágrima.

Vales, e isto já é singular para uma moço. Vales.

Mas, para o que torem as costas vocais por latidos da língua lanque, tudo isso, tudo isso... não tem cheiro a ciência econômica, nem a beleza de um povo inteiro na prisão de um cofre. E deixem lá falar... E a outra magia.

Do amigo,

PEDRO KILKERRY.

Trecho de ensaio

FRANCISCO KARAM

Dentro da comunhão espiritual de Jackson de Figueiredo vi-
vem os seus amigos, num milagre de harmonia e de felicidade. Cada um tem a sua tendência e a sua marca pessoal. E cada amigo, com a sua tendência e a sua marca pessoal representava os seus olhos vivos e percutentes uma classe humana de espírito.

O círculo dos seus amigos era como um pequeno mundo, onde todos os tipos mentais estivessem representados.

* * *

O homem é sempre uma imagem de Deus. Imagem e se-
melhança de Deus. E essa idéia era como o chão, sobre o qual pousou toda a humanidade de Jackson.

A criatura não vale pelas suas qualidades positivas. A bondade, a inteligência, o sentimento, a razão, não melhoram o material humano. As qualidades negativas, por sua vez, não pioram a criatura. O pecado, a vaidade, o rancor, a má fé, não diminuem o ser.

O que há de real na criatura é a semelhança do Criador, o reflexo e o calor das mãos e do hábito divino. E enquanto a vida — que é a graça de Deus — subsiste, há oportunidade do bom e do mau, trazem de condições, perdendo-se o bom e salvando-se o mau.

O julgamento dos homens é a mais terrível das missões. E a missão de Deus-Pai. Só Deus-Pai é que pode julgar. Antes do julgamento, Deus-Filho desceu para redimir a Terra e encarnar Deus-Espírito Santo.

A Igreja, que é Cristo, não julga. Condena o pecado e absolve o pecador.

O católico perfeito confessa os seus pecados e aproxima-se dos demais irmãos para levá-los à Igreja. E entre estes irmãos ele não vê nem piores, nem melhores, mas apenas, criaturas de Deus, que precisam de Deus.

* * *

Jackson era o católico perfeito. Nós, as palavras do Divino Mestre viviam como o sangue nas veias. Amanhã ao próximo como a si mesmo e interessou-se pelos semelhantes indistintamente. Vivia uma oblação pela Terra e pelo Céu.

As suas pupilas verdes e limpas como duas crianças, acompanhavam todos os destinos humanos, com o amor e o carinho de um leitão.

Nos longos passeios noturnos da rua Pedro Ivo ou pelas avenidas da Esplanada do Castelo, ele considerava a garis que passava ou o carroceiro, que lá ia, arrastando a alimaria pelos freios e perguntava: — Que diferença pode haver entre nós e estes homens, se todos somos semelhantes a Deus?

* * *

A sua intuição andava pelos tempos futuros, como se estivesse lendo crônicas do passado. Foi Joseph De Maistre e foi a cura D'Ars. Indicava os caminhos políticos para o mundo, como um de nós mostra os caminhos cobertos de musgos de um presépio.

Sempre acertou, porque sempre falou de dentro da Igreja. Poucas vezes, na literatura universal, se encontra uma expressão tão forte para caracterizar o erro. Mas, também, poucas vezes se encontram expressões mais suaves, na compreensão dos que erravam e sofreram. Aquela fortaleza medieval, cheia de seteiras, era habitada por um poeta imensa e delicioso.

Se escreveu poucos versos, comprazia-se em se rever nos versos dos seus irmãos poetas, que ele recitava de cor, noites inteiras, com um sentimento e uma sensibilidade que eu nunca vi ninguém dar à poesia.

* * *

O maior desejo de Jackson era escrever a história de Cristo. Ele afirmava que escrever a história do nosso Redentor era a glória maior que podia ambicionar um homem.

Deus atendeu-lhe o desejo ardente. Jackson escreveu a história de Cristo em milhares de corações brasileiros.

E não há livro melhor do que o coração da criatura, para se escrever a vida do Criador, que se fez criatura e teceu a mais belas das histórias.

* * *

Em Araraquara, eu não compreendi o telegrama que me comunicava ter o Senhor levado o Jackson de entre nós. Fiquei como um sôniabulo ou um autônomo.

Lembro-me, apenas, de minha Mãe, que dizia: — Felizes os que põem o seu destino nas mãos de Deus, porque esses não morrem.

Eu senti que morria qualquer coisa em mim e que o mundo morria, em parte, perdendo o seu comentador maravilhoso. Tive a noção perfeita de que o drama da existência despiu-se muito de sua gravidade, porque lhe faltava aquele cérebro vibrante onde ele vivia tão intensamente.

Mas não esqueci, nunca mais, as palavras de minha santa mãe:

— Felizes os que põem o seu destino nas mãos de Deus, porque esses não morrem.